

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Braga, 12 mezes.	1\$600
» 6 »	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Anuncios cada linha.	20
Repetição	10

6.º ANNO

PUBLICA-SE

ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 735

BRAGA—QUINTA-FEIRA 10 DE
JANHEIRO DE 1879

Instrução popular.

IV

Temos sobre a meza o n.º 86 do «Amigo do Povo».

O artigo de fundo intitulado agora—*Sciencia popular*—é já o quinto da mesma especie, e versa sobre phenomenos electricos.

As misérias e queixas que está dando este doente, como diria o nosso classico D. Francisco Manoel de Mello, reclamam da nossa parte toda a attenção e pedimol-a tambem ao leitor.

Oçamos:

«Vamos ás provas—dissemos no ultimo artigo.

Como o leitor não poderá, sem algum trabalho, lembrar-se perfeitamente da ideia contida n'aquella phrase, temos a honra de lembrar-lhe que a superstição, a má fé e a ignorancia tristissima e singela (!) vêem no raio não uma manifestação das leis da natureza, mas um terrível mensageiro de Deus, um castigo da Providencia Divina».

O resto, que não é tão pouco, afina pelo mesmo diapasão. Falla-se do raio e apresenta depois muitos factos de sacerdotes, de egrejas, etc. fulminados pelo raio com o que intenta provar que o raio não é um castigo de Deus, nem um mensageiro da Providencia Divina, alás, «não buscaria de preferencia os recintos onde os fieis constrictos e crentes elevam preces ardentes e fervorosas ao Senhor dos mundos.

Estudemos detidamente esta parte da peça.

Se o leitor bem reflectir verá sem grande difficuldade que aqui se nega o dogma da Providencia, que se lhe dá o nome de *superstição, ignorancia, etc.* e que finalmente se arvora o absurdo systema do fatalismo, consequencia necessaria da negação d'aquelle dogma. Senão, vejamos d'um lado a doutrina do jornal e do outro a doutrina catholica e philosophica sobre a Providencia applicando a ao caso presente.

O «Amigo do Povo» diz: «A superstição, a má fé e a ignorancia tristissima e singela vêem no raio, não uma manifestação das leis da natureza, mas um terrível mensageiro de Deus, um castigo da Providencia Divina».

A Religião proclama que Deus governa todas as coisas creadas por meio da sua Providencia, dogma este que é commum á Revelação e á razão. Toda a Escripura Sagrada, tanto do Velho, como do Novo Testamento tende a firmal-o com exemplos, com factos e com clarissimos textos. D'entre muitos escolheremos alguns apenas.

No livro da Sabedoria, cap. 8 v. 1.º lêmos: *Alligat a fine in finem fortiter et disponit omnia suaviter.* Ella toca desde uma extremidade até á outra com firmeza e tudo dispõe com suavidade.

No cap. 2.º v. 13 *Non est alius Deus, quam tu, cui cura est de omnibus;* Não ha outro Deus, senão tu que de todas as coisas tens cuidado.

Nos prov. 16, v. 9, *Cor hominis disponit viam suam; sed Domini est dirigire gressus ejus.* O coração do homem dispõe o seu caminho; mas da parte do Senhor está dirigir os seus passos.

Em S. Math. 6, v. 26: *Respicite volatilia coeli, quoniam non serunt, neque metunt neque congregant in horrea et Pater vester coelestis pascit ea:* Olhae para as

aves do ceu que não someiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros; e copitulo vosso Pae Celestial as sustenta.

No mesmo Evangelho, cap. 10, v. 29, *Nonne duo passeret asse venaunt: et unus ex illis non cadet super terram sine Patre vestro,* e no v. 30 *Vestri autem et capiti capitis omnes numerati sunt.* Não se vendem dois passaros por um asse; e um d'elles não cairá sobre a terra sem vosso Pae. E até os mesmos cabellos da vossa cabeça todos elles estão contados.

Estes textos apresentados por todos os theologos catholicos provam á saciedade que tudo, absolutamente tudo, está submettido á Providencia Divina, quer na ordem material, quer na moral, quer na sobrenatural.

A tudo preside a Providencia Divina desde as coisas mais insignificantes até ás mais elevadas.

Eis o dogma catholico, fundado nas Escripuras, sem que todavia destrua os dogmas da liberdade humana, do peccado original e outros que o são tambem de sã philosophia.

Muitas objecções poderia o antagonista oppor-nos por ignorancia ou má fé: prevenmol-as; mas não estamos agora a atalhal-as.

Quaesquer que sejam, ha muito que tem uma cabal e irresponsivel refutação nos theologos e nos escriptos de todos os philosophos catholicos.

Eis o que diz o Cath.º do Conc. de T. (parte 1.ª cap. 2.º quest. 21.ª):

«Assim como a existencia de todas as coisas resultou do supremo poder, sabedoria e bondade do Creator, assim tambem se a todas as coisas creadas deixasse de assistir a sua perpetua providencia e de as conservar com a mesma força com que foram creadas desde o principio, immediatamente volveriam ao nada (*statim ad nihilum reciderent*) e é o que a Escripura declara quando diz: *Quomodo possit aliquid permanere, nisi tu noluisse aut quod a te vocatum non esset, conservaretur?*»

E na verdade, como muito bem se exprime um philosopho, como é que as coisas creadas, que não tem em si a razão d'existencia e que no segundo instante de sua existencia são tão contingentes como no primeiro, poderiam conservar o ser, e o modo de ser, faltando-lhe aquella força em virtude da qual existem? Poderá o raio solar existir sem o sol ou o pensamento sem a faculdade de pensar?

Não perca o leitor de vista o alvo a que miramos; e que nos apraz attingir d'este modo.

Continuaremos a provar o dogma da Providencia, mas agora á luz da tradição e da razão, ainda que a vôo d'ave, para nos não affastarmos do nosso intento; depois aferiremos pela doutrina exposta as palavras do nosso adversario, que já citamos e para as quaes chamamos a attenção, porque tencionamos demorarmos n'este assumpto e aproveitarmos o ensejo para muitas reflexões que julgarmos a proposito, esperando da benevolencia do leitor que nos relevará *os erros de grammatica* que por ahí fervilham e o mais que o nosso antagonista houver por bem descobrir nos nossos escriptos. Elle sabe bem que *presumpção e agoa benta, cada qual toma a que quer.*

A. M.

A peregrinação portugueza a Roma.

XX

A NOVA ROMA

Não é menor o contraste que actualmente se observa na grande cidade.

Hoje como nos primeiros seculos do Christianismo, dois principios se gladiam alli em lucta gigante, dois elementos correm a encontrar-se, em formidavel catapulta.

De um lado está o Vaticano com todas as suas gloriosas tradições, com todo o seu passado de dezenove seculos, e o que mais vale ainda, com a força da verdade, e com o imperio que lhe dá a sua missão divina.

Do outro levanta-se o Quirinal, com todo o poder da Revolução, com todo o arrojo de um aventureiro.

O primeiro representa a creença de quasi trescentos milhões de catholicos.

O segundo simbolisa as tendencias e aspirações de todos os revolucionarios da Europa e do mundo.

N'aquelle um pobre Velho octogenario recorda a seus filhos, que de toda a parte o procuram, estas palavras do Divino Mestre:—Vigiae e orae para que não sejaes colhidos em tentação.

N'este um principe ambicioso brada a seus soldados:—carregae as armas e estae attentos, para que nos ajudeis a levar a cabo nossas tentativas e usurpações.

Acojá é Pio IX, rico no meio da sua pobreza, grande nas suas humilhações, forte no abandono official a que o votaram.

Aqui é Victor Manoel, pobre no meio da sua opulencia, humilhado nos seus triumphos, fraco entre as quatrocentas mil bayonetas que o cercam.

No Vaticano reina a tranquillidade no soffrimento, a confiança apesar do desamparo.

No Quirinal ha o desassocego não obstante as victorias, o receio, o susto a despeito das alianças.

Com o Papa, oram, soffrem e esperam os fieis de todo o orbe.

Com o rei de Italia, conspiram, agitam-se e perseguem os revolucionarios de todos os paizes.

Eu vi em Roma estas duas correntes.

Observamol-as todos quantos lá fômos, e pôtem d'ellas dar testemunho os milhares, e milhares de peregrinos que de toda a parte affluiram á Cidade Eterna, por occasião do jubileu episcopal de Pio IX.

No dia 3 de Junho, anniversario d'esta consagração, tres mil carros conduziam ao Vaticano os italianos que iam felicitar o Papa por um tal acontecimento.

No mesmo dia e á mesma hora, cerca de cento e cincoenta apenas levavam ao Quirinal os que desejavam cumprimentar o rei que celebrava então a festa do Estatuto.

O primeiro não foi annuciado, como o segundo, pelo estrondo das paradas e salvas da artilheria. Terminou em silencio como principiára; mas em compensação quando o Vaticano cerrava á noite suas portas, alegre pelas demonstrações de que fóra alvo n'aquelle dia, no Quirinal o rular do tambor mandava dispersar os patriotas que irrompiam n'um excesso de enthusiasmo.

Revolução e Catholicismo alli tem ambos a sua sede.

E nunca estes dois principios se mostraram mais frente a frente.

Nunca de parte a parte se trabalhou tanto, nunca foi maior a actividade que ao presente se desenvolve por ambos os lados.

Para o Vaticano correm os soldados da cruz, os apostolos da civilização pelo Christianismo.

No Quirinal numeram-se os canhões que hão de entrar em campanha e decretam-se o progresso pela espada.

D'estes dois principios, assim oppostos, nascem duas ordens de idéas tambem contrarias; que, manifestando-se em toda a parte pelos seus effeitos no seio da sociedade, se encontram mais visivelmente em Roma.

No dia da solemnidade de *Corpus Christi* uma multidão innumera de fieis invadia a basilica de S. Pedro; e alli, debruçada sobre o tumulto dos Apostolos, orava recolhidamente.

A' mesma hora, no theatro Apollo, os promotores de um *meeting* blasphemavam contra Deus e contra a Igreja; e vomitando insultos sobre o Papa e sobre os catholicos, d'envolta com o imprescindivel vitorio á republica, obrigavam a policia a intervir, mandando-os para suas casas.

Apesar de nunca as ter visto abertas, em quanto estive em Roma, defronta-e a cada passo com escolas livres ao lado dos templos catholicos.

Encostado ao palacio do cardinal vigario está um d'estes estabelecimentos com o seu rotulo escripto em grandes caracteres dourados sobre o frontispicio, ao passo que no antigo Collegio Romano foi mandada raspar a palavra *Jesus* que d'antes se lia no centro do edificio.

Formando estas duas correntes, ha na Cidade Eterna duas populações inteiramente distinctas e separadas; uma piedosa e crente; outra racionalista e athea.

A primeira vive paciente e resignada. A segunda é irrequieta e insoffrida.

Vêem-se enfileirados n'aquella todos os grandes de Roma, a maxima parte da classe media e um sem-numero de desherdados da fortuna, que vão agradecer ao Papa o muito que por elles reparte.

Marcham n'esta os funcionarios publicos, alguns romanos de vida estragada, muitos judeus e todo o immenso proletariado, que se importou quasi inteiramente de fóra por occasião do assalto á Porta Pia, para as demonstrações de regosio e celebração do plebiscito.

Estes desgraçados viveram por muito tempo assoldados pelo thesouro; mas como este é agora de todo exhausto e a verba produzida pela venda dos conventos, egrejas e casas pias está esgotada, vociferam, roubam e ameaçam, sendo necessario que uma numerosa policia lhes ande sempre no encalço para que se não aproveitem do petroleo.

Tal é, em summa, a Roma da actualidade.

Descrever a grandeza de suas incomensuraveis basilicas, com as preciosidades sem conta que lá se admiram, fallar dos seus magnificos retabulos e riquissimos mosaicos que tanto exalçam a arte christã, seriademasiado longo para quem tem precisão de incurrir caminho.

M. MARINHO.

BIBLIOGRAPHIA.

Curso theorico e pratico de Pedagogia

Se os preceptores de vossos filhos só o forem de nome, causarão a ruína da vossa familia.

(Platão).

Formar o homem na criança sob o triplice ponto de vista de sua natureza phisica, intellectual e moral—eis o alvo do preceptor.

Para conseguir, porém o aperfeiçoamento d'esta natureza, multiplique nas manifestações e unica na essencia, tem o pedagogo de cultivar os germens e desenvolver as forças da criança, isto é, de educar e instruir, ou, propriamente falando, de educar, visto que a instrução é parte accessoria, embora integrante, da educação.

E como alcançará o desenvolvimento e direcção das faculdades da criança, de modo que ella receba, desde logo, o cubo indelevel que deve marcar a sua existencia moral? Reunindo ás qualidades pessoais, indispensaveis á vocação do preceptor, o conhecimento dos principios e meios praticos que a pedagogia ensina para se cumprir devidamente tão elevada missão.

E nada melhor para conseguir este fim que o «Curso theorico e pratico de Pedagogia» de Michel Charbonneau, traduzido da 3.^a edição para linguagem vernacula pelo sr. Raposo Botelho.

Esta obra, editada em lingua vulgar, pelo sr. Ernesto Chardron, é bem superior em valimento, pelo methodo empregado, desenvolvimento das materias pedagogicas, correcção e elegancia de estylo, a muitas outras que sobre este assumpto tem sido publicadas.

Thery, Matter, Pestalozzi, Niemever, madama Necker de Saussure, ficam muito áquem do Director da Escola Normal de Melun.

O curso theorico e pratico d'este insigne pedagogista falla: 1.^o da dignidade de preceptor e das qualidades e condições necessarias para exercer dignamente suas funções, tanto com relação á vida exterior como á disciplina da escola; 2.^o da educação phisica, intellectual e moral das crianças; 3.^o da instrução e ensino das mesmas; 4.^o da organização das escolas.

Cada uma d'estas partes, em que M. Charbonneau dividiu o seu curso de pedagogia, é subdividida em varios capitulos, paragraphos, e resumos, onde sobresahe um profundo estudo e longa experiencia.

Os diversos pontos ou materias relativas aos meios praticos, que o preceptor deve empregar para facilmente conseguir desenvolver o espirito e formar o coração das crianças, são tratados com inexcusable mestria e infallivel aproveitamento.

É um tratado completo de todos os conhecimentos indispensaveis e uteis ao pedagogo para bem cumprir os deveres da sua missão espinhosa, mas social.

Façam aquisição d'este livro os que tem a seu cargo o desenvolvimento e direcção das crianças, e a escola será cada vez mais progressiva, e tomará um caracter inteiramente diverso d'aquella que hoje apresenta entre nós na maior parte dos casos.

Será mais facil, pela suavidade e agrado, o ensino transmittido ás creanças, a disciplina escolar mais fielmente observada, a instrução mais proficua, o cargo do preceptor mais leve e meritorio.

Tornal-o conhecido a quem porventura não tenha noticia, d'elle será bastante para que elle seja possuido; possuil-o será o mesmo que ter á mão um seguro e prodigioso meio de energicas reformas e progressivos desenvolvimentos que não de redundar em proveito das crianças, utilidade das familias, honra e gloria dos professores.

GAZETILHA

Obito.—Falleceu em Lisboa o sr. conde de Tornos d'Algodres.

Outro.—Na madrugada de 3 falleceu em Vianna do Castello o reverendo padre José Manoel da Motta, arcepreste d'aquella julgado e parochio collado da freguezia de Santa Maria Maior da mesma cidade.

Contava 51 annos d'idade, era capellão da casa Real, e parochiava aquella freguezia desde 11 de novembro de 1865. Era natural da freguezia de Mós, concelho de Villa Verde, e foi parochio collado da freguezia de Semelhe, d'este concelho de Braga.

A sua morte foi muito sentida, porque era um ecclesiastico dotado de raras virtudes.

Guerra do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á guerra do Oriente, são os que seguem:

Paris 5.—Assegura-se que Andrassy recusou apoiar as combinações da Inglaterra, porque ella visa o *statu-quo* que é impossivel fazer aceitar pela Russia.

Londres 5.—Segundo um telegramma publicado pelo «Standart», os turcos teriam evacuado Sofia.

Varios navios coraçados inglezes cruzam diante de Creta, Pireu e Salomia.

Constantinopla 4.—Os russos tomaram Sofia, mas Mahamoud-Pachá foi substituído.

A tomada de Sofia foi feita sem resistencia.

Paris 5.—De Bucharest confirmam a tomada de Sofia.

Mahamoud pediu para ir responder pessoalmente á camara dos deputados.

O grão-virir pediu a sua demissão, a qual não foi aceite.

A Porta recebeu já a resposta da Inglaterra.

Constantinopla 8.—A Porta solicitou um armisticio por intermedio de Inglaterra. As condições são ignoradas por enquanto.

Reouf-Pachá foi nomeado commandante em chefe das forças turcas da Europa.

Paris 7.—Os russos passaram os desfiladeiros de Tchepka abandonados pelos turcos.

Londres 7.—A carta de Gladstone repete que a situação não torna necessaria a acção da Inglaterra.

S. Petersburgo.—Dizem varios telegrammas particulares aos periodicos russos que, devido aos conselhos da Inglaterra a Porta decidiu negociar directamente com a Russia.

Os delegados turcos e russos reunirão brevemente.

Da conferencia entre Gortschakoff e Lord Softus, consta que foi uma scisão suscitada pelo gabinete inglez que provocou o reviramento da politica de Inglaterra.

Um despacho de Vienna para os periodicos russos annuncia que até agora não foi ainda confirmado o boito do encontro dos delegados turcos e russos para as negociações do armisticio.

Constantinopla 7.—Foi recebida de Mahamoud-Damat Pachá a demissão que pedira.

Londres 8.—O «Morning Post» diz que conquanto se tenham trocado importantes negociações com S. Petersburgo, as probabilidades da conclusão d'um armisticio em vez de augmentarem, parece que vão diminuindo, não sendo possivel prever o que acontecerá.

Carta de D. Izabel de Bourbon.—A visita da sr.^a D. Izabel de Bourbon a seu Augusto Sobrinho, o sr. D. Carlos, continúa a preoccupar os espiritos, especialmente em Hespanha.

Aquella sr.^a publicou no «Figaro» uma carta, declarando que as suas relações com D. Carlos não tinham nenhuma importancia politica, e que não passavam de relações de familia. Esta explicação, comtudo, não é aceite por todos, e alguns jornaes affonsistas vêem um certo ponto negro em tudo isto.

«La España», por exemplo, diz: «O procedimento do governo francez em relação a D. Carlos, a instancias, como se suppõe, do nosso, dá ao assumpto um caracter de importancia que fôra inutil desconhecer. Se as visitas, feitas a D. Carlos pela Augusta Mãe do nosso monarcha, não passaram de affectuosas manifestações de familia, porque se tomou tão violenta determinação? Para que n'esta occasião, e quando menos se esperava, se fizeram tão manifestas essas relações, que se suppunham de todo interrompidas, ou mortas? Terá relação com este assumpto a demissão que se suppõe dada pelo marquez de Moulins, nosso embaixador em França?»

Parecem-nos rasoaveis estas reflexões da «España»; deixamos, porém, aos leitores o apreciar-as, e para satisfazer-lhes a curiosidade, transcreveremos a carta que

a sr.^a D. Izabel de Bourbon dirigiu ao «Figaro»:

«Sr. Redactor principal do «Figaro»

«Senhor: Não está no meu caracter, nem nos meus costumes recorrer á imprensa, nem ainda para me defender de ataques indignos e injustificados; porém quando se abusa do meu nome para desnaturalisar os actos mais simples e naturaes da minha vida privada; quando aventureiros politicos bem conhecidos usam da publicidade para prejudicar todos aquelles que tem para comigo alguma consideração e respeito; quando intentem explorar a minha situação para estraviar a opinião publica, não vacillo em intervir, affim de restabelecer a verdade.

«As minhas boas e cordeas relações com meu primo D. Carlos e minha sobrinha D. Margarida de Bourbon, não são segredo para ninguem. Nunca demerreci a sua consideração, nem elles a minha; e além d'isso não quero desprezar os laços de parentesco que nos unem, e que a desgraça estreitou.

«D. Margarida de Bourbon é madrinha de minha filha, a infanta Eulalia; não é pois para extranhar que, pondo de parte quanto diz respeito á politica, os membros de uma familia conservem relações muito naturaes.

«O sr. Conde de Chambord pensava da mesma maneira, quando recebia os Principes d'Orleans.

«Que razão ha para expulsar d'este paiz generoso e hospitaleiro um desterrado, cuja situação actual nada tem de hostil, e a quem querem perseguir por minha causa?»

«Ha mais de que uma calumnia na supposição de que eu conspiro contra o meu muito amado filho, a quem tenho sacrificado tudo?»

«Não é irritante o pensar que por uma suspeita imaginaria esta hospitalidade franceza, a quem pedi o repouso da minha vida politica, rasgue as suas tradições»

«Dirijo-me á vossa lealdade, sr. redactor, para fazer conhecer a verdade acerca das boas relações que existem entre meu sobrinho e eu, relações que não tem nada de commum com a politica. Se fôra de outro modo, teria o valor de dizel-o, e o sentimento de deixar a França, pelo qual faço votos tão ardentes, como pela minha propria patria.

«Recebi, Sr. Redactor, etc.

«IZABEL DE BOURBON.

Paris, 29 de dezembro.

Assim deve ser!—No «Diario de Noticias» de 30 de novembro lêmos o seguinte:

«Realizou-se o mez passado, pela primeira vez, na loja maçonica *União Constante*, do Rio Grande, a encommendação, com o corpo presente, do irmão João Kohler, fallecido n'aquella cidade. O templo foi todo coberto de luto, destacando-se entre corças de saudades os nomes dos irmãos fallecidos. No centro erguia-se o cenotaphio. As orações funebres foram feitas pelas primeiras dignidades».

Assim é que deve ser! Visto a maçonaria ser «a sua religião para si»; visto ter ella os seus ritos e o seu ritual impresso para a administração do baptismo e do matrimonio, assim como para as exequias e officios funebres dos seus defunctos; visto tratar os catholicos de profanos, e de profana a religião catholica; visto não exigir crença em nenhum dogma sobre-natural—nem sequer no da existencia de Deus pessoal—para serem admittidos á profissão os seus frades, ou Ir.^{es}, desde o 1.^o até ao 33.^o graus... lá se arranjam com as *pratas de casa*, como se costuma diser, e não venham incomodar os profanos. Tem os seus templos (lojas: assim lhes chamam indifferente-mente); deixem-nos tranquillos em nossas egrejas; tem as suas ceremonias, orações (??) e ritos sublimes, deixem-nos com as nossas «superstições da Edade Media» de que tanto escarnecem quando não acham meio oportuno de lhes mostrar um respeito hypocrita, para as profanar com sacrilegios mais ou menos escandalosos.

Diz o noticioso «Diario» que a *União Constante* «pela primeira vez» presenciou entre as suas columnas uma encommendação com o corpo presente». Já era bem tempo que cumprissem os mações do Rio Grande essa prescripção da sua disciplina. Porque a não cumprirão tambem os nossos mações? Será por que a Egreja

ainda tem aqui alguns ossos que roer ou que *esbichar*? Ou será por que ainda é preciso illudir alguns papalvos que tem a simplicidade de crer que se pode ser muito bom catholico e filho da viuva, discipulo de Adhorrão, frade dos tres pontinhos?

—A proposito diz o «Apostolo» de 7 de novembro:

«Nós não queremos que os maçons sejam perseguidos e encarcerados como foram os nossos Bispos; apenas queremos que elles sejam consequentes consigo mesmos. Nós não os vamos perturbar em suas lojas, por isso queremos tambem que os senhores maçons não nos venham perturbar em nossos templos. Querer ser catholico sem obedecer ao Papa é o *non plus ultra* da loucura.

Esta hybriedade monstruosa de catholicos com maçons opados. (1) não pôde continuar por mais tempo».

Isto é tão rasoavel que até o «Diario de Noticias», se pudesse, ou antes se lhe fosse permitido diser o que sente, approvava. Mas não é livre, coitado!.. Deve causar compaixão ver a gente o proximo n'uma posição como a sua, por que é triste devéras.

—Ao concluir o que ahí fica lêmos no «Apostolo»:

«Encommendação maçonica.—O «Diario do Rio Grande» noticiá que a *União Constante* fez celebrar pela primeira vez a encommendação maçonica do Ir.^{es} fallecido João Kohler. O templo estava de luto (havia estar de gala!) e a concurrencia foi numerosissima.

Esta maqueação das ceremonias catholicas, são o transumpto do que ha de mais sacrilego e ridiculo, aos olhos dos verdadeiros crentes.

A maçonaria que não cre na Missa, nos Sacramentos e nas absolvições do sacerdote, em nome de Jesus Christo, arremeda o rito catholico, encommenda o seu Ir.^{es} ao Supremo Pedreiro Universal, e retira do templo satisfeita por haver cumprido um dever!

Pobre defuncto! Deus se compadeça de tua alma, em sua infinita misericordia, porque os teus irmãos não fizeram mais do que apontar-te o caminho do inferno.

O «Diario do Rio Grande» termina a sua noticia com este trecho:

«E' de esperar que, a exemplo da *União Constante*, todas as sociedades maçonicas procedam de igual modo».

Quem dera! Ao menos neste ponto estamos de accordo com o maçonico «Diario do Rio Grande». Por que não ha de estar de accordo com nós ambos o *in-color* e todos os demais órgãos da liberalia maçonica de Portugal e até os altos snrs. da Academia? Por que não?!..

Nova divisão eleitoral.—Na camara dos deputados o sr. marquez d'Avila apresentou o projecto da reforma da lei eleitoral, cujas disposições são:

Auctorisação ás commissões do recenseamento para procederem a nova divisão de assembleias;

Direito de suffragio a todos que saibam ler e escrever, com modo de vida conhecido, e aos chefes de familia, embora esta não seja sustentada por elles;

Eleição das commissões do recenseamento em 7 de janeiro;

O total dos circulos, incluindo os do ultramar é segundo o projecto, de 130.

O districto de Braga fica, segundo aquelle projecto, com 8 circulos, que são: Barcellos, Famalicão com Espozende, Braga, Villa Verde, Amares com Bouro e Lanhozo, Celorico com Cabeceiras de Basto, Fafe com Vieira, Guimaraes.

Livro precioso.—O *Seculo XIX em face da consciencia e da Egreja*,—conferencias pelo R. Padre Roux.—Versão de D. Miguel de Sotto-May-r.—Porto, *Livraria Portuense* de Manoel Malheiro; rua do Almada 121.—Edição de 1877.—Preço: 500 réis.

Este livro, que lemos e saboreámos do principio ao fim, é precioso em todo o sentido—no fundo, na substancia, e na forma.

O fundo não pôde ser mais interessante na actualidade. As seis conferencias de que se compõe, são seis bellissimos tratados sobre—o *XIX seculo prevencador e reparador*—a *forma intellectual da prevencação* (profundidade extensão do erro moderno).—*forma pratica da prevencação: egoismo contemporaneo*.—*a fé catholica*.—*completa*.—*defendia*.—*Confiança pela patria e pela Egreja*.—*acção catholica*

(1) Isto é, cubertos com opas das Irmandades nas egrejas.

no mundo moderno;—além das notas e adicção do traductor, que é o mesmo da *Egreja Triunphante no Concilio do Vaticano* (basta dizer isto...).

Ler este livro, é pouco; deve-se reler e meditar.

Mais todos os que tiverem «cura d'almas» por qualquer titulo, (e quem é que mais ou menos a não tenha?, ou a quem é que não comprehende o *docebit unusquisque proximum suum?*) devem diffundir *opportune et importune*, devem fazer propaganda fervorosa das salutareis idéas em que este livro abunda. Elle não foi publicado para a França unicamente, mas sim para todo o mundo; e (querendo-se especialisar) para essa parte interessantissima da humanidade que se chama «raça latina»—a nossa raça—de um modo muito particular. Ai! dos catholicos esquecidos do seu baptismo, ai! das sociedades latinas se não attendem ás indicações, ás exprobrações amorosas, e aos conselhos repassados de profunda sabedoria, abundantemente haurida no Evangelho, em que abunda o livro impagavel que recomendamos.

—Mas então, dirá alguém, já se vê que esse livro visa a mui alto,— á salvação das sociedades:— ora eu, pobre particular, o que posso fazer para attingir tão elevado e tão difficil escopo? Não corriere perigo de perder o meu tempo, estudando problemas «a pique» que certamente me não é dado resolver?

Erro crasso e erro funesto, de que em todos os tempos se tem soffrido, e mais ainda, quicá, n'um proximo futuro se teráo de soffrer as fataes consequências! Inercia cobarde e aviltadora perguicça, embuçada no falso pretexto de illusoria humildade que tão cara nos póde, nos ha-de sair, não a repellindo a tempo com o desdem que merece, como tentação do anjo máo, que ás vezes se transforma, para enganar os mortaes, em anjo de luz!

Não é sabido que para reformar o mundo, o meio mais facil e mais seguro consistiria em que cada um se reformasse a si proprio?

Pois pratique-se o principio, confiando no divino auxilio; acrescente-se um pouco de zelo, de coragem e de solida instrucção sobre os males presentes e os meios de remedial-os—assumpto que é tractado por mão de mestre no *Seculo XIX em face da consciencia e da Egreja*—, e colheremos os fructos, e ver se-hão os resultados.

Em todo o caso, «se o mal vier ao mundo, não será por culpa nossa».

Parece-vos pouco?...

Aos benemeritos snrs Malheiro e Sotomayor deve-se gratidão,—quasi tanta como ao eloquente orador o Rev.º Roux, Jesuita francez dosque mais e melhor tem estudado as questões sociaes religiosas do nosso tempo.

Movimento do Hospital de S. Marcos.—Doentes existentes em 30 de dezembro: 62 homens e 84 mulheres.

Entraram durante a semana finda: 15 homens e 24 mulheres.

Sahiram: 13 homens e 12 mulheres.

Falleceram: 1 homem e 2 mulheres.

Ficaram em tratamento em 5 de Janeiro 60 homens e 93 mulheres.

A' caridade.—Imploramos a caridade das almas piedosas para que se lembrem da infeliz Luiza Ferreira com uma esmola; acha-se gravemente enferma, e vive em extrema miseria. Reside na rua de Guadalupe, n.º 4.

Appelo á caridade.—Pedimos ás almas caridosas uma esmola para o pobre Antonio Joaquim da Motta, official de sapateiro, morador nas Carvalheiras, n.º 22; acha-se no ultimo grau de pobreza, não podendo, pelo seu mau estado de saude, ganhar meios para sua subsistencia, de sua mulher e filhos.

A's pessoas caritativas.—Na rua Direita, da freguezia de S. Pedro de Maximinos, n.º 18, existe uma entrevadinha, de 16 annos de idade, e filha de paes extremamente pobres, que continuamente soffre dores tão acervas, que só as almas bemfazejas lhe podem dar algum allivio, soccorrendo-a com uma esmola pelo divino amor de Deus.

A's almas caridosas.—Recomendamos ás almas caridosas uma infeliz viuva, moradora na rua de S. Bernabé, n.º 13, (solta). Tendo 80 annos d'idade, e porisso sem poder applicar-se a qualquer trabalho, fluctua com a miseria extrema.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Amigo Editor.

E' estranhavel o afincio com que o Sr. Governador Civil do Districto insiste em escrever—que o thesoureiro da irmandade da Misericordia, d'esta cidade, se achava alcançado, para com a mesma, em alguns contos de reis, por d'elles precisar para utilidade do seu casal.

Iniciou, S. Exc.ª, esta teima no desarrasoado Alvará de dissolução da meza ultima que, coitada, apenas contava oito dias de existencia, e n'este documento me presenteou com uma *carapuça* tão grande e tão mal talhada que, por muitas voltas que lhe dei, jámais se amoldava á minha cabeça.

A prenda era da moda—mas não me servia; e por isso dei-me pressa em a devolver ao Sr. Governador para a remetter a quem de direito pertença, pois não supponho que o illustre magistrado seja *carapuceiro* de feira.

Mas já se tinha escripto—que o thesoureiro da irmandade da Misericordia distrahiria d'esta, e em proveito do seu casal, alguns contos de reis.

As *fezes* estavam afiradas—era necessario remediar a nodoa.

Escrevi, então, ao Sr. Governador Civil, em data de 25 de Setembro, provando-lhe o equívoco e pedindo-lhe a graça de reparar o damno.

S. Exc.ª, estando a sahir para Lisboa, teve a bondade de me mandar participar pelo snr. 1.º Official—que na sua volta para esta cidade me satisfaria *condignamente* (1).

O Sr. Governador Civil chegou a esta cidade, e a *reparação condigna* não appareceu ainda—ao menos que eu o saiba. O que sei é—que a asserção injuriosa repetiu-se em segunda edição mais correcta, augmentada e com o carimbo official da commissão administradora.

Parece-me não errar na apreciação, quando leio a portaria de 14 de Dezembro de 1877, assignada pelo Sr. Ministro do Reino, na qual, depois de louvar o relatório da commissão administrativa da Misericordia de Braga—indica, no 2.º §, o procedimento a haver com relação ao alcance do thesoureiro da Misericordia.

Do thesoureiro da Misericordia!! Como se escreve tão levemente em materia de tanta gravidade, e por quem!

A primeira leveza teria sua desculpa no furor de exterminar toda a murta dos jardins; era uma falta que eu deixava passar franca de porte por o transito ser curto e conhecido: mas a repetição, que já entrou no gabinete do ministro e teve a importancia do «Diario de Noticias», por via do «Conimbricense», não lhe faltando a publicação no «Diario do Minho», etc. essa não posso, nem devo deixar passar por mais tempo, sem a devida rectificação, que me justificará perante a porção do publico, em cujo espirito o infeliz termo de Misericordia terá talvez deixado alguma impressão menos benigna.

E já que alguém se esqueceu dos seus deveres:

Seja pois notorio em toda a parte, e de maneira bem explicita, que a administração da Real Irmandade da Misericordia de Braga, que devia acabar sua gerencia em 30 de Junho passado, se compunha de 13 vogaes—que tinha tres thesourados—Misericordia, Hospital, Expostos—que eram tres pessoas distinctas e tres thesoureiros verdadeiros: que Antonio Bernardino Pinto de Madureira era thesoureiro da Misericordia—que Joaquim José Gonçalves Loureiro era thesoureiro do Hospital—que Manoel Antonio da Silva Pereira Guimarães era thesoureiro dos Expostos—cada um com a sua receita e

(1) Sr. A. B. P. de Madureira.—O Ex.º Sr. Governador Civil d'este Districto partiu para Lisboa no dia em que recebeu a sua carta de 25 de setembro ultimo, e, como não tivesse tempo de responder, encarregou-me de participar a v. que na sua volta para esta cidade satisfaria a v. condignamente; o que lhe participei em desempenho da ordem que me foi dada.

Assigno-me com a mais subida consideração e affectuosa estima

De v. etc.

3—10—77.

Gaspar Pizarro.

despeza propria, cada um com a sua caixa, cada um com a sua escripturação e cada um com a sua responsabilidade.

O thesoureiro da Misericordia satisfez. (2) Desculpe, amigo Editor, e peço-lhe a graça de mandar transcrever essas linhas.

Braga 8 de Janeiro de 1876.

Antonio B. Pinto de Madureira.

(2) «O irmão thesoureiro da Misericordia, Antonio Bernardino Pinto de Madureira, entregou ao novo thesoureiro o irmão Bernardino José da Cruz, todo o saldo de suas contas, como consta do Termo do 1.º de Setembro de 1877 a fl. 103 v.—Braga 3 de Setembro de 1877.

O Escrivão da Meza da Misericordia

Lourenço da Costa Gonçalves Pereira Bernardes.

BANCO DA COVILHA.

Sociedade anonyma—Responsabilidade limitada

Capital 3.000.000\$000 reis

1.ª emissão—reis 750.000\$000 dividido em 7.500 acções de 100\$000 reis cada uma.

Balanco em 31 de Dezembro de 1877.

Activo	
Accionistas	400\$000
Letras descontadas e a receber	352:758\$758
Emprestimos s. penhores.	163:237\$785
Contas corrent. com caução	293:188\$772
Effeitos depositados	12:000\$000
Papeis de credito	9:467\$800
Agencias no paiz	27:847\$913
Ditas no estrangeiro	13:497\$280
Diversos devedores	10:386\$054
Mobilia e utensilios	1:937\$159
Despezas d'installação	2:658\$815
Caixa	25:515\$038
Letras em liquidação	3:271\$295
	917:966\$669

Passivo	
Capital	750:000\$000
Fundo de reserva	4:777\$265
Fundo para o edificio do Banco	500\$000
Depositos á ordem	6:146\$327
Ditos a prazo	93:450\$650
Devidendos a pagar	1:510\$000
Credores d'effeitos depositados	12:000\$000
Diversos credores	15:578\$310
Agentes no paiz	2:167\$934
Agentes no estrangeiro	661\$780
Mesadas	167\$500
Ganhos e perdas	29:007\$803
	917:966\$669

Covilhã 31 de Dezembro de 1877

Os Directores

A. Baptista A. Leitão.
J. d'A. Vaz de Carvalho.

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes, nem despezas, com o uso da deliciosa farinha de saúde,

REVALESCIERE

DU BARRY de Londres.

30 annos d'invariavel successo

6 Combatendo as indigestões (dispepsia) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarréa, disenteria, colicas, tosse, asthma, hexas, falta de respiração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetes, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, dos bronchios, da bexiga, do fígado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 85:00 curas, comprehendendo n'ellas as da duquesa de Castlestuart, do duque de Pluskow, da marquezia de Brehan, de Lord Stuart, par d'Inglaterra, do doutor e professor Wurzer, etc., etc.

Cura n.º 65:811.—Mr. A. Bruneliere,

cura, de uma dispepsia de oito annos, e depois dos medicos lhe darem só poucos mezes de vida.

Cura n.º 62:476.—Sainte Romaine-des-Illes (Saône-et-Loire).—Senhor.—Bemdito seja Deus! A *Revalesciere* do Barry poz fim aos meus 18 annos de soffrimentos do estomago e dos nervos, de fraquezas e de suores nocturnos.—J. COMPARET, cura.

Certificado n.º 69:719.—HYDROPSIA, RETENÇÃO.—Tres d'estes casos foram radicalmente curados. Para as tosses adquiridas por um resfriamento, produz a suspensão repentinamente; para as retenções de urina e doencas de estomago, produz o melhor effeito e dissipa a melancolia.—LANGEVIN, cura.

Cura n.º 48:816.—Certificado do celebre doutor Redolpho Wurzer, Bonn, 19 de Janeiro de 1855.—A *Revalesciere* substituiu admiravelmente toda a medicina em muitas doencas, sobretudo nas diabetes, constipações obstinadas e habituaes, assim como nas diarréas nas affecções dos rins e da bexiga, nas contracções e nas hemorroidas, assim como nas doencas pulmonares e dos bronchios, nas tosses e na tísica.—Doutor RUD. WURZER, Membro de varias sociedades scientificas.

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/2 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 rs; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400; e de 12 kilos, 12\$800 rs.

Os biscoitos da *Revalesciere* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalesciere* chocolateada; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU BARRY & C.º LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris, 77 Regent-Street, Londres, Valverde, 1º Madrid.

Os pharmaceuticos, drogistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; snr. Serzedello & C.º Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banha, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.—Barral, Antonio João de Sousa Ramos, pharm. Largo da Ponte.—Braga, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—Pipa & Irmão, rua do Souto.—Viana do Castelo, Affonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 1; José, J. da Silva, drog., Rua da Banha, 29 e 33.—Pontevedra, Miranda, pharm.—Porto, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banha, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desiré Rahur, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.º, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—Povoas do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.—Valença do Minho, Francisco José de Sousa, pharm.—Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

DESPEDIDA

Jeronymo Pimentel tendo de partir para Lisboa, e não podendo despedir-se pessoalmente de todas as pessoas das suas relações e amizade, recorre a este meio para lhes offerecer alli o seu limitado prestimo.

AGRADECIMENTOS

D. Anna de Jesus Leite, D. Amelia Leite Machado, e marido João Vicente

Machado, e o Bacharel Manoel José Leite Braga, agradecem do coração a todas as pessoas, que os cumprimentaram por ocasião do fallecimento de sua sempre chorada mãe e sogra D. Narcisa Effigénia Leite Braga, e, extremamente penhorados, aos cavalheiros, que assistiram aos respectivos officios funebres, tributando a todos profundo reconhecimento. (689)

ANNUNCIOS

Atenção

Quem quizer arrendar, ou comprar uma morada de casas, sita na rua do Souto, d'esta cidade, de n.ºs 14, 14 A e 14 B, de dous andares, com boas lojas, falle com seu dono, Bernardo da Cunha Pinto Barbosa, morador na rua do Corvo, ou Hortas, n.º 1. Deixa-se ficar em poder do comprador parte do seu preço, vencendo juros de 3 por cento. (690)

Banco de Guimarães

São convidados os snrs. accionistas do Banco de Guimarães a reunirem-se na casa do mesmo Banco, no dia 15 do corrente pelas 10 horas da manhã, para os fins do art. 41 dos estatutos.

Banco de Guimarães, 7 de janeiro de 1878.

O Presidente da Assembleia Geral

(691) Barão de Pombeiro.

VENDA DE CASAS

Quem pertender comprar uma morada de casas designadas pelo n.º 47 e 47 A, sitas na rua do Souto, d'esta cidade, falle com José Alves d'Araujo, morador na rua de S. Marcos, d'esta mesma cidade, casa n.º 10 e 10 A, com o qual se pôde contractar, pelas herdadas por disposição testamentaria de sua fallecida thia Maria Josefa Alves. (692)

Venda de bens de raiz

Por deliberação da Comissão liquidatoria do casal do exm.º Manuel Gomes da Silva Mattos, creada por escriptura em 7 de dezembro ultimo feita na Nota do Tabelião João Marcos d'Araujo Ribeiro, tem de ser arrematadas e entregues a quem mais der, convido os preços, a casa nobre n.º 7 do Campo de Sant'Anna, as tres quintas bem conhecidas de Gualtar, proximo á estrada de Chaves e da igreja d'aquella freguezia, com a denominação de quintas da Pia, da Bouça, e de Villar, e finalmente o campo junto ao fido do Padre com frente para ambas as ditas estradas.

Esta arrematação terá lugar no salão do Theatro de S. Geraldo ás 11 horas do dia 27 do corrente mez.

Em casa do snr. Paulo José da Costa, no largo do Barão de S. Martinho, estão patentes os esclarecimentos que foi possível obter não só dos encargos de cada um dos ditos predios, como dos feros e bens que pertencem a cada um.

Braga 7 de janeiro de 1878.

Henrique Freire d'Andrade
Manuel Luiz Ferreira Braga
Antonio dos Santos Azevedo Magalhães.
(693)

RUA DE S. VICENTE N.º 34

NOVO ESTABELECIMENTO

Domingos Rodrigues da Silva Braga

Primeiro barateiro de Braga.

Grande sortimento de fazendas de lã, seda, e algodão, assim como ratinas, panos sedões, cazimiras pretas e de cores, guarda-chuvas e mindezas, damaseos de diferentes cores e qualidades; que tudo vende por preço o mais commodo possível. (684)

CAIXA PARA AZEITE

No largo de S. Miguel-O-Anjo, n.º 14, ha para vender uma caixa em muito bom estado que leva cinco pipas, e toda forrada de castanho. (683)

BANCO DO MINHO

Por ordem do exm.º presidente são convidados os snrs. accionistas d'este Banco a reunirem-se em assembleia geral ordinaria no dia 15 do corrente pelas 11 horas da manhã, para os fins consignados no artigo 34 dos Estatutos.

Braga 7 de janeiro de 1878.

O secretario da Meza

(686) João Gonçalves Pereira Bastos.

Banco Commercial Agricola e Industrial de Villa Real

(Sociedade anonyma de responsabilidade limitada)

São convidados todos os accionistas d'este Banco a concorrerem á assembleia Geral que ha de reunir-se na sede do mesmo Banco em 20 do corrente pelo meio dia, para lhe ser presente o relatorio e contas da Gerencia e parecer do Conselho Fiscal, com relação ao anno de 1877, e se proceder á eleição da meza da Assembleia Geral e Conselho Fiscal.

Na segunda reunião, cujo dia ha de ser designado na primeira, tem de discutir se o relatorio da Gerencia, e como está terminou o seu mandato, proceder-se á eleição de nova Gerencia,—art.ºs 42 a 46 dos estatutos.

Villa Real, 3 de janeiro de 1878.

Por auctorisação do exm.º vice-presidente, O 1.º secretario.

Dr. Augusto Guilherme de Sousa.

(685)

THEATRO DE S. GERALDO

Tendo a administração do theatro de S. Geraldo resolvido arrendar o mesmo para bailes de mascaras, ou para outro qualquer genero de espectaculos permittido pelos estatutos do mesmo theatro desde o dia 20 de janeiro de 1878 até ao dia 6 de março do mesmo anno previne os interessados, além de que dirijam as suas propostas em carta fechada até ao dia 15 do corrente a qualquer dos administradores d'aquelle theatro para os fins convenientes.

Braga 4 de janeiro de 1878.

Os administradores

Visconde de Pindella
José Borges de Faria
José A. Freire de Andrade.
(679)

Grande deposito de bolacha e biscoitos da Fabrica Nacional a vapor, em Lisboa

DE

Eduardo Conceição Silva & Irmão

Deposito no Porto, rua dos Ingleses, 38—42

Neste grande deposito se vendem as bem conhecidas qualidades de bolacha e biscoitos, qualidades estas que rivalisam com as inglezas, e tem a vantagem de serem sempre frescas e muito mais baratas, tanto em caixas como avulso; porisso chamamos a attenção dos snrs. consumidores.

Neste mesmo deposito se vendem farinhas das principaes fabricas de Lisboa: de Bento Antonio, João de Brito Caramujo, Manoel José Gomes, & Filhos, e da

NACIONAL, EM SANTO AMARO.
(664)

Banco Commercial de Braga

Por ordem do exm.º presidente da assembleia geral convidam-se os snrs. accionistas d'este banco a reunirem-se em assembleia geral no dia 10 do corrente, pelas 10 horas da manhã na casa do mesmo banco para os fins designados no artigo 25 dos estatutos.

A lista dos snrs. accionistas acham-se á disposição dos mesmos snrs. na thesouraria do banco, e na sua caixa Filial no Porto.

Braga 2 de janeiro de 1878.

O secretario,

Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu.

DINHEIRO dá-se sobre qualquer objecto de valor. Rua das Palhotas n.º 83.
(681)

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres. Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do Brazil, ao sul de Pernambuco, com trasbordo no Rio de Janeiro e incluído hospedaria e sustento gratuito durante a demora precisa para obter trasbordo.

Este paquete da Companhia Mala Real Ingleza sahirá de Lisboa em 13 de Janeiro.

Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tail, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.

Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

FILIAL DA CAIXA

ECONOMICA PENHORISTA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital 500:000:000

RUA NOVA DE SOUSA, N.º 9

(Tambem com entrada pela rua do Campo) BRAGA.

Empresta dinheiro sobre ouro, prata, joias, papeis de credito, cereaes, roupas, moveis, ferramentas, e sobre todo e qualquer objecto do valor não inferior a 100 réis.

Recebe-se dinheiro em deposito a prazo ou á ordem abonando juros conveniaveis

A caixa está aberta todos os dias desde as 9 hora da manhã até ás 7 da noite, e nos dias santificados estará aberta só até ao meio dia.

O gerente—A. G. Ferreira

CIRURGIÃO DENTISTA

DA

Escola Americana

Consultorio a toda a hora, tanto de dia como de noite Rua do Campo (antiga Porta de S. Francisco) n.º 22. (687)

RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Rua de S. Marcos n.º 19.

BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (688)

COADJUTOR

Quem quizer ser coadjutor em S. Lazaro, falle com o parcho.

No Asylo de S. José de S. Lazaro ha dinheiro para dar a juro por escriptura com hypotheca. Quem pertender dirija o seu requerimento á junta administradora do mesmo Asylo. (678)

MESSAGEIRO

Almanak para 1878

Por José d'Oliveira Cardoso.

A' venda nas principaes livrarias e em casa de João Ignacio Bernardino, em Folgosa do Douro.

Preço 50 rs, e a 40 rs. de 10 exemplares para cima. (674)

Solicitador—A. Lopes da Gama

Escreitorio—Taypas n.º 5 — Porto (613)

Quem quizer arrendar a casa n.º 7, no campo das Carvalheiras, falle com Joaquim Antunes Alves, na rua do Campo, d'esta cidade, que está auctorisado para este fim. (680)

NADA de FOGO



60 anos de bom sucesso

Linimento BOYER-MICHEL para cavallos, fazendo as vezes de fogo e não deixando vestigios do seu emprego MICHEL, pharmaceutico em Aix (na Provença) França. — Preço 1,000 reis. — Em Lisboa o snr. Barreto, Loreto, n.º 23—30.(25)

BREVE COMPENDIO

DE

ORAÇÕES E DEVOÇÕES

ADOPTADAS PELOS MISSIONARIOS

QUARTA EDIÇÃO

Novamente correcta e muito augmentada com novas orações e devoções indulgenciadas, e concedidas posteriormente á ultima Raccolta.

Com approvação de S. Exc.ª Rev.ª o Snr. D. João Chrysostomo de Amorim Pessoa, Arcebispo Primaz.

Vende-se em Braga, na rua Nova n.º 3 E. e nas principaes livrarias; e no Porto na Livraria Catholica, Praça de D. Pedro, e na Portuense de Manuel Malheiro, rua do Almada.

Preço em brochura 160 reis
» encadernado 240 »

LIVRARIA BORDALO

Travessa da Victoria n.º 42, 1.º andar, Lisboa

Neste estabelecimento ha um variado sortimento de diferentes obras, Romances, Historias, Comedias, Dramas, Scenas Comicas e Almanachs para 1878, e faz-se abatimento para negocio, e remetem-se os catalogos gratis, e qualquer das obras abaixo mencionadas são remetidas francas de porte a quem enviar o seu importe em estampilhas.

MANUAL DAS DAMAS, tratado de fazer flores artificias ornado de estampas 500. MANUAL DO COSINHEIRO, modo de preparar as melhores iguarias da cozinha portugueza e franceza, arte de cozeiro e pasteleiro 240. MANUAL DO PRESTIDIGITADOR, livro de sortes divertidas tanto de mãos como de cartas e physica recreativa, ornado de 80 estampas 500. MANUAL DO CONSERVEIRO E CONFEITEIRO, modo de fazer bollos pasteis, doces, gelados, 240. MANUAL DE DANSA, arte de aprender a dansar sem mestre 120. MANUAL DAS SINAS, explicação das sinas e senhos 120.

DISCURSO

do deputado francez catholico

O CONDE ALBERTO DE MUN

Pronunciado no encerramento da assembleia geral dos membros da obra dos circulos catholicos de operarios

TRADUZIDO PELO

PADRE BENNA FREITAS

Dedicado ás Associações Catholicas do Porto e Braga.

Vende-se n'esta redacção por 60 rs.